

SUGESTÃO DE UM ROTEIRO PARA ANÁLISE DE TEXTOS ARGUMENTATIVOS

Viviane Maria Heberle de Oliveira
PUCRS

Ler textos argumentativos pode ser tarefa difícil para muitos alunos porque envolve compreensão não somente de informações explícitas no texto, mas também de elementos implícitos, como, por exemplo, as pressuposições de caráter sócio-cultural feitas pelo autor do texto.

Por texto argumentativo entende-se aquele usado para promover aceitação ou avaliação de certas crenças ou idéias como sendo verdadeiras ou falsas, positivas ou negativas (Beaugrande e Dresler, 1981). A função dominante desse tipo de texto é a de induzir a um posicionamento, e o que o distingue de outros tipos de texto é o seu caráter persuasivo ou convincente.

Para conscientizar os alunos sobre textos argumentativos, sobre argumentação do autor e possíveis técnicas argumentativas, elaborou-se um plano de estudo ou "roteiro". Esse roteiro, dividido em quatro partes principais, foi utilizado num experimento didático-pedagógico com dois grupos de alunos do Curso de Letras da PUCRS para a análise de dez textos argumentativos, previamente selecionados de acordo com o nível dos alunos.

O objetivo deste artigo é analisar esse roteiro (cf. p. 7, 8), explicando as razões para a seleção das questões e organização do material, já que os resultados obtidos no experimento mostram que o roteiro tornou-se um instrumento de orientação pedagógica válido para o estudo de textos argumentativos.

A primeira parte tem como finalidade fazer com que os alunos percebam o tema e o contexto situacional do texto: é uma ati-

vidade de contextualização. Indaga-se a respeito do assunto geral do texto, do possível público leitor, da data e do local onde o texto foi escrito. Com essas informações, os alunos provavelmente ativarão suas estruturas cognitivas, ou seja, "scripts" e "frames".

As estruturas de conhecimento designadas "scripts" são conjuntos predeterminados de expectativas, inferências e conhecimentos aplicados a qualquer situação para que se possa dar sentido à mesma (Schank e Childers, 1984).

"Frames", por outro lado, são estruturas de dados para se representar uma situação estereotipada (Minsky, 1981). Enquanto os "frames" referem-se a fatos sobre o mundo, "scripts" estão relacionados a dependências conceituais em seqüência de acontecimentos.

Ao ativarem essas estruturas cognitivas, os alunos poderão fazer predições sobre possíveis tópicos do texto e perceber diferentes tipos de textos argumentativos para públicos diversos.

Levando-se em consideração a taxonomia de habilidades de linguagem proposta por John Munby, as quatro perguntas da primeira parte do roteiro parecem levar os alunos a desenvolverem as seguintes habilidades:

- compreensão de informação explicitamente mencionada.
- compreensão da função comunicativa dos enunciados.
- integração dos dados do texto com a própria experiência.
- leitura superficial para obter a idéia principal e uma impressão geral do texto.

(Munby, 1978: 123-31)

Outras habilidades podem ser desenvolvidas a partir da atividade proposta na Parte I, mas essas mencionadas acima parecem ser as mais significativas.

A segunda parte do roteiro contém perguntas sobre a intenção e atitude do argumentador. O objetivo é fazer os alunos pensarem sobre o que exatamente o autor está querendo dizer. Será que o relato tem um alto grau de explicitação ou existem várias pressuposições que devem ser captadas para se compreendê-lo?

A primeira questão desta parte tem como objetivo guiar o aluno para que ative seus "scripts" e "frames" referentes ao tema proposto, pois pede-se que ele relacione o título com o texto. A segunda questão refere-se à intenção do autor. É uma forma de fa-

zer com que o aluno questione, avalie, critique, enfim, o posicionamento do autor.

Pergunta-se, ainda, sobre a atitude do autor em relação ao assunto do texto, ou seja, se o autor é crítico, irônico, indiferente ou incisivo.

Aqui as habilidades visadas, considerando-se a taxonomia de Munby, são:

- interpretação do texto, usando referência exofórica.
- leitura nas entrelinhas.
- integração dos dados do texto com a própria experiência.
- definição do ponto principal ou informação importante do texto.
- distinção da idéia principal de detalhes.
- compreensão de informação explícita e não explicitamente mencionada.

(Munby, 1978:123-31)

Essas habilidades parecem ser muito relevantes para a leitura de qualquer tipo de texto, mas especialmente de textos argumentativos.

A terceira parte tem como objetivo orientar os alunos para que percebam a argumentatividade do texto, através da constatação dos argumentos principais e da relação entre si mesmos.

Os alunos têm de enumerar cinco frases, locuções ou palavras do texto que os ajudem a provar o ponto de vista do autor, já discutido na segunda parte. Apesar de ser uma atividade menos controlada em relação às outras questões do roteiro, essa listagem não pode ser mera cópia de algumas frases ou palavras do texto porque deve refletir a compreensão global da argumentação e também a ligação com as outras partes do roteiro.

Optou-se por cinco frases, locuções ou palavras porque tal número parece ser suficiente para mostrar se o aluno efetivamente compreendeu os argumentos do autor e simples para se computar as respostas em termos numéricos.

A seguir pede-se que os alunos façam uma relação entre os argumentos; afirmando se são independentes, isto é, se aparentemente não há ligação entre eles; se são contrários, estreitamente ligados, ou se estão numa seqüência crescente de apresentação, ou seja, do argumento mais fraco para o mais forte.

A Parte II e a Parte III parecem levar os alunos a perceberem a argumentação do autor porque são dirigidas especificamente para tal, através de análise da intenção do autor e de seus argumentos. Pretende-se desenvolver as seguintes habilidades, além daquelas especificadas na segunda parte:

- inferências.
- compreensão de significado conceitual.
- reconhecimento de indicadores do discurso.
- extração de pontos salientes do texto.

(Munby, 1978: 123-31)

As questões sugeridas nesta parte provavelmente auxiliarão os alunos a adquirirem as habilidades acima, mas acredita-se que a prática e experiência em leitura podem também contribuir para uma maior compreensão da argumentação do autor.

As questões sobre técnicas argumentativas, isto é, recursos lingüísticos disponíveis ao argumentador utilizados em textos para dar suporte à argumentação perfazem a quarta e última parte do roteiro. Acredita-se que a conscientização dessas técnicas pode facilitar a compreensão da argumentação.

A escolha do primeiro, segundo e do último parágrafo deve-se ao fato de se querer analisar o parágrafo introdutório, um do desenvolvimento (este escolhido aleatoriamente) e o conclusivo.

As técnicas argumentativas selecionadas serão apresentadas a seguir. As habilidades enfatizadas nesta parte são:

- compreensão de relações entre as partes de um texto, através de dispositivos de coesão lexical.
- compreensão de relações entre as partes de um texto, através de dispositivos de coesão gramatical.
- reconhecimento de indicadores do discurso.

(Munby, 1978: 123-31)

Pode-se afirmar que todas as habilidades especificadas neste trabalho são aplicáveis à Parte I, II, III e IV porque essas partes estão ligadas e as questões formam um todo uniforme.

A primeira técnica, a), refere-se ao raciocínio lógico, ou o pensamento indutivo e/ou dedutivo. O uso de exemplos para se chegar a uma generalização, de orações subordinadas como "se... então", ou de algum tipo de dedução são exemplos que se enquadram nesta técnica.

A relação de causa e efeito, técnica b), é baseada no conceito de conjunção causal de Halliday e Hasan (1976). Segundo esses autores, conjunção, um dos fatores de coesão textual, é um tipo de relação semântica que especifica como palavras, orações, períodos ou parágrafos estão ligados a outros que os antecedem. Os tipos de conjunção causal são de resultado, razão e propósito e inclui palavras como "portanto, conseqüentemente, assim, porque". Wishon e Burks (1968) consideram essa relação uma possível técnica argumentativa.

As técnicas c), d), e) e f) foram consideradas a partir dos tipos de organização textual sugeridos por Wallace (1980), que apresenta oito tipos de atividades para a organização de um texto. São elas: narração, comparação, descrição estática e de processo, causa e efeito, discussão, definição e ilustração. A técnica c) e d) representam a narrativa, sendo c) a apresentação de um evento e d), de uma situação. e) representa o que Wallace denomina a descrição estática (por exemplo, de um objeto ou pessoa) e f), descrição de um processo (por exemplo, de um objeto ou pessoa) e f), descrição de um processo (por exemplo, como o leite é pasteurizado, como votar).

A apresentação de um problema e/ou possíveis soluções é a sétima técnica proposta. De acordo com L.G. Alexander (1965), um dos objetivos de um texto argumentativo é o de discutir um problema ou o de tentar resolvê-lo. Na verdade, a apresentação de uma situação presente, passada ou futura (técnica d) pode significar uma situação problemática, mas optou-se por manter as duas separadamente por que nem todas as situações analisadas significam que são problemáticas efetivamente.

O uso de comparações ou contrastes (técnica h) é um método muito eficaz utilizado no texto argumentativo, segundo Wishon e Burks (1968) e também foi incluído como um recurso argumentativo eficaz.

O recurso à autoridade é a técnica i). Para o presente estudo considerou-se essa técnica no que tange a uso de conceitos de especialistas para enfatizar os argumentos. Esse recurso é o que melhor caracteriza o argumento de prestígio, já que faz uso dos julgamentos de uma pessoa ou um grupo de pessoas como meio de provar uma tese. Perelman e Olbrechts-Tyteca (1970) consideram-no

como argumento baseado na estrutura de realidade. Para Wishon e Burks (1968) essa autoridade geralmente é de boa reputação, reconhecida como autoridade e as afirmações atribuídas a ela servem para sustentar ou provar uma tese.

O apelo emocional, técnica j), refere-se à manifestação do autor através de reações intensas de um estado afetivo. Essa técnica parece sempre causar impacto no destinatário.

Ironia, exagero e humor perfazem a técnica k). Julgou-se conveniente agrupar esses três recursos porque a ironia pode ser um exagero ou uma forma de humor, mas nem sempre a recíproca é verdadeira.

O efeito argumentativo da ironia é poderoso, uma vez que não obriga o destinatário a aceitá-la. É uma espécie de persuasão suave, leve, ou conforme Berrendonner (1981), uma manobra essencialmente defensiva. Perelman e Olbrechts-Tyteca (1970) incluem a ironia numa sessão intitulada "O ridículo e seu papel na argumentação" e consideram-na uma forma de argumentação indireta. Para Koch (1984), a ironia é um ato implícito, pois o enunciador atribui um determinado sentido ao enunciado, mas pode renegá-lo se assim o desejar. A ironia foi incluída entre as técnicas devido a sua alta força argumentativa.

A técnica l), repetição de palavras ou seus sinônimos para enfatizar idéias e a técnica m), uso de recursos lexicais para expressar a mesma idéia, referem-se ao uso de léxico como forma de argumentação. Em vários estudos de lingüística textual e sobre a argumentação, o uso do léxico tem seu papel importante porque pode influenciar a argumentação.

A técnica n), posição formal explícita, refere-se à manifestação explícita do autor quanto a seu ponto de vista, através do uso de expressões como "Em minha opinião" "Penso que... etc".

A última técnica de nossa lista é o uso de operadores argumentativos, também denominados marcadores retóricos, semânticos do discurso, ou seja marcadores que estabelecem relações entre frases ou parágrafos, que auxiliam o leitor a entender a organização textual. São palavras ou locuções que servem como sinais para se chegar ao significado e à estrutura de um texto (Wallace, 1980).

No estudo da argumentação, tais operadores são considerados como instruções ou indicações veiculadas por "morfemas, expres-

sões ou termos que, além de seu conteúdo informativo, servem para dar uma orientação argumentativa ao enunciado, a conduzir o destinatário em tal e qual direção" (Ducrot, 1981:178). Esses marcadores foram também selecionados por serem importantes para a argumentação.

Em hipótese alguma acredita-se serem as técnicas selecionadas as únicas válidas, mas podem ser consideradas como muito significativas para um estudo sobre textos argumentativos.

É importante salientar que a comparação, a narração, a repetição de palavras para se enfatizar idéias e a ironia, incluídas na lista de técnicas, são maneiras possíveis de apresentação dos argumentos. Dão suporte à intenção do argumentador e podem ajudá-lo a persuadir ou convencer o leitor quanto à sua proposição.

Na verdade o argumentador pode utilizar várias dessas técnicas num só texto. Entretanto, uma descrição ou narração isolada, sem servir de base para a intenção do emissor, não tem força argumentativa.

Apesar de ter sido desenvolvido como um instrumento pedagógico para uma pesquisa de leitura de textos argumentativos em língua estrangeira, tal roteiro poderá talvez ser útil também para professores e alunos de língua materna interessados em aperfeiçoar seus conhecimentos sobre compreensão desse tipo de texto.

ROTEIRO PARA ANÁLISE DE TEXTOS ARGUMENTATIVOS

I - Leitura superficial:

Antes de ler o texto _____, faça uma
(título do texto)

leitura superficial para responder às seguintes perguntas:

1. Quem escreveu o texto?
2. Quem são os prováveis leitores do texto?
3. Onde o texto foi escrito?
4. Quando o texto foi escrito?

II - Perguntas sobre a intenção e atitude do autor:

1. Qual é a relação entre o título e o texto?

Resposta: O texto _____ o título.

2. Qual é a intenção do autor do texto? O que ele realmente está tentando nos dizer?
3. Qual é a atitude do autor em relação ao assunto apresentado no texto? (crítico, irônico, indiferente, incisivo...?).

III - Perguntas sobre os argumentos do autor para alcançar seu objetivo:

1. Enumere cinco (5) frases, locuções ou palavras do texto que ajudem a provar o ponto de vista do autor.

2. Qual é a relação entre essas frases, locuções ou palavras relacionadas na pergunta anterior? (Por exemplo: são independentes, estreitamente ligadas, estão numa seqüência crescente de apresentação...?).

IV – Perguntas sobre as técnicas

A partir da seguinte lista de técnicas usadas na argumentação, quais são usadas no primeiro, segundo e último parágrafo?

Lista de possíveis técnicas:

- a) raciocínio lógico (pensamento indutivo e/ou dedutivo).
 - b) relações de causa e efeito (por exemplo: X porque Y; X é devido a Y; Y causa X).
 - c) apresentação de um incidente, evento ou uma história.
 - d) apresentação/descrição de uma situação presente, passada ou futura.
 - e) apresentação/descrição de um objeto.
 - f) descrição de um processo (por exemplo: como fazer um bolo).
 - g) apresentação de um problema e/ou possíveis soluções.
 - h) uso de comparações ou contrastes.
 - i) uso de recurso à autoridade (uso de conceitos de especialistas ou pessoas famosas para reforçar ou enfatizar os argumentos).
 - j) apelo emocional (apelo aos sentimentos do leitor).
 - k) uso de ironia/exagero/humor.
 - l) repetição de palavras ou expressões ou seus sinônimos para enfatizar idéias.
 - m) uso de recursos lexicais que expressam a mesma idéia (por exemplo: trabalhar, tarefa, emprego, trabalhando...).
 - n) uso de posição formal explícita (o autor clara e explicitamente mostra seu ponto de vista sobre o assunto).
 - o) uso de marcadores argumentativos (o autor usa palavras ou expressões especiais para introduzir ou enfatizar seus argumentos?).
- No primeiro parágrafo, as técnicas utilizadas são
No segundo parágrafo, as técnicas utilizadas são
No último parágrafo, as técnicas utilizadas são

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALEXANDER, L.G. *Essay and Letter Writing*. London, Longman, 1965.
- BERRENDONER, A. *Éléments de Pragmatique Linguistique*. Paris, Les Editions de Minuit, 1981.
- DUCROT, O. *Provar e Dizer*. São Paulo, Global, 1981.
- HALLIDAY, M. & HASAN, R. *Cohesion in English*. London, Longman, 1976.
- KOCH, I. *Argumentação e Linguagem*. São Paulo, Cortez, 1984.
- MINSKY, M. "A Framework for Representing Knowledge". In: HAUGELAND, J., ed. *Mind Design*. Cambridge, Mass, MIT Press, 1981.
- MUNBY, J. *Communicative Syllabus Design*. Cambridge, Cambridge University Press, 1978.
- PERELAMN, C. & OLBRECHTS-TYTECA, L. *Traité de l'argumentation*. 4.ed., Bruxelles, Editions de l'Université de Bruxelles.
- SCHANK, R. & CHILDERS, P. *The Cognitive Computer on Language, Learning, and Artificial Intelligence*. Reading, Mass, Addison-Wesley, 1984.
- WALLACE, M. *Study Skills in English*. Cambridge, Cambridge University Press, 1980.
- WISHON, G. & BURKS, J. *Let's Write English*. New York, American Book Company, 1968.